

Por uma nova leitura do Evolucionismo

CAMILA MAINARDI, CARLOS FILADELFO DE AQUINO, MILENA ESTORNILO E SAMANTHA DOS SANTOS GASPAR

Neste ano de 2011, os livros *O Direito Materno*, de Johann Bachofen, e *Lei Antiga*, de Henry Maine, completam 150 anos de publicação; e as obras *Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana*, de Lewis Morgan, e *Cultura Primitiva*, de Edward Tylor, completam 140 anos. A *Cadernos de Campo*, em homenagem a essas datas, apresenta como tema de sua seção *especial* o Evolucionismo.

Nosso objetivo, ao tematizar a escola que se convencionou rotular de “evolucionista”, é o de chamar a atenção não para a homogeneidade que a denominação “escola” muitas vezes parece encerrar, mas, antes, para as especificidades de seus pensadores. Convidamos, por isso, autores que pudessem contribuir para a reflexão das referidas obras. Não tivemos o intuito de apresentar críticas a seus métodos e ambições teóricas, pois entendemos que estas já foram feitas. Assim, os artigos que reunimos mostram tanto as originalidades das obras de antropólogos como Morgan e Tylor – auxiliando a demover definições apressadas e sedimentadas sobre seus trabalhos – quanto o legado que deixaram para as discussões posteriores da disciplina.

Iniciamos com a apresentação de Lilia Schwarcz e Íris Morais Araújo à tradução feita por esta e Rafaela Deiab do texto *Prólogo: um precipício no tempo* de George W. Stocking Jr., que compõe o livro *Victorian Anthropology*. Não poderíamos começar de melhor forma, já que o escrito de Stocking Jr. expõe o contexto da *Grande Exposição dos Produtos da Indústria de Todas as Nações*, realizada em Londres no “Palácio de Cristal”, em 1851, que colocou lado a lado contribuições tanto do Taiti e das colô-

nias inglesas (ainda que em menor quantidade) quanto de países como Estados Unidos, França e Alemanha. Segundo o autor, a lição óbvia da exposição foi a de que “nem todos os homens haviam avançado no mesmo passo, ou chegado ao mesmo ponto”. Assim, o “Palácio de Cristal” que nos apresenta Stocking Jr. seria “bom para pensar” o evolucionismo sociocultural britânico, produto desse momento particular.

Em seguida, Frederico Delgado Rosa, no artigo intitulado *Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade*, apresenta a importância da obra desse autor. Rosa destaca a necessidade da revisão de ideias preconcebidas sobre o evolucionismo a partir de uma análise sofisticada do *Cultura Primitiva*. É desconstruído no texto o pressuposto de que Tylor adotava uma perspectiva evolucionista unilinear, a partir da qual se poderia traçar uma linha temporal de evolução da humanidade e localizar nela as etapas em que estariam as diversas culturas.

Segundo Rosa, o grande objetivo da Antropologia de Tylor “era demonstrar que o homem europeu, e mais genericamente o homem dito civilizado, estava profundamente impregnado de selvageria”. Assim, as diferenças entre as religiões não seriam tão acentuadas como se poderia induzir. Não haveria uma evolução linear do animismo ao monoteísmo, mas processos originais de elaboração de religiões a partir de um substrato comum. O texto de Rosa é um convite para uma leitura renovada do *Cultura Primitiva*, mostrando a possibilidade de “explorar novas mensagens nos livros antigos”.

Em *Lewis Morgan: 140 anos dos Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana*

cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010

(1871-2011), Mauro William Barbosa de Almeida traça o percurso intelectual trilhado por Morgan, focando na redação da obra que intitula o artigo. O autor discorre sobre as versões anteriores à publicação, e assegura que foi para a segunda – a que foi publicada – que Morgan acrescentou o capítulo final “no qual aparece a explicação dos fatos apresentados no livro por meio de uma sequência histórica ‘conjetural’ de formas de família”.

Em sua análise, Almeida explicita o método empregado por Morgan e como, por meio deste, teria identificado os padrões de classificação de parentesco que seriam posteriormente utilizados pela etnologia. O autor também trata da influência de Morgan na antropologia, perceptível, por exemplo, em “três retomadas de temas e problemas deixados por Lewis Morgan, de perspectivas muito diferentes: o culturalismo de Murdock, o estruturalismo de Lévi-Strauss e o evolucionismo social de Leslie White”.

Ainda sobre a obra mencionada acima, que, pela primeira vez na disciplina, teria proposto “um objeto, um método e uma técnica de observação” para os fenômenos do parentesco, Marcio Silva, no artigo *1871: o ano que não terminou*, reconstitui o que considera como “um dos debates mais antigos da antropologia, a relação entre parentesco e genealogia”. Ao apontar para os seus desdobramentos recentes, especialmente no que se refere aos estudos que relacionam parentesco e computação, Silva

mostra que, mesmo que o debate tenha atravessado persistentemente cento e cinquenta anos, ainda promete muitos anos de polêmica.

Tal como os outros textos deste especial, este rejeita a imagem do evolucionismo como uma escola homogênea e ultrapassada (imagem que, inclusive, pressupõe o desenvolvimento linear da disciplina), ao mostrar que, apesar das soluções conjeturais de Morgan serem consideradas o ponto mais fraco de seu modelo, a base genealógica dos sistemas descritivos e classificatórios seria um aspecto durável que teria alimentado os debates posteriores dos estudos de parentesco. O argumento de Silva não toma a relação entre parentesco e genealogia proposta por Morgan como “um dogma sagrado” da disciplina, já que demonstra que ela foi e continua sendo tanto fonte de inspiração como alvo de contestação ao longo da história da antropologia.

Esperamos que os artigos que reunimos instiguem a reflexão sobre as obras de autores pioneiros da disciplina, incite o aprofundamento do debate e possibilite outras leituras de seus trabalhos. Gostaríamos, especialmente, de provocar a curiosidade de alunos de graduação, que, como nos lembra Mauro Almeida, nem sempre são estimulados a ler tais obras. Por entendermos que a seus autores devemos boa parte da agenda investigativa de nossa disciplina, dedicamos a seção *especial* deste número a uma de problematização da “escola” evolucionista. Boa leitura!

autora **Camila Mainardi**
Doutoranda em Antropologia Social / USP

autor **Carlos Filadelfo de Aquino**
Doutorando em Antropologia Social / USP

autora **Milena Estorniolo**
Mestranda em Antropologia Social / USP

autora **Samantha dos Santos Gaspar**
Mestranda em Antropologia Social / USP